



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE GRAJAÚ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

GABRIELE NASCIMENTO SILVA
GRACIETE BARROS DO NASCIMENTO
MICHELE DA SILVA ALMEIDA

VOZES DA MARGEM: GÊNERO, POBREZA E OPRESSÃO NA ESCRITA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

GRAJAÚ/MA

2026

GABRIELE NASCIMENTO SILVA

GRACIETE BARROS DO NASCIMENTO
MICHELE DA SILVA ALMEIDA

VOZES DA MARGEM: GÊNERO, POBREZA E OPRESSÃO NA ESCRITA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Grajaú, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientador (a): Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha

GRAJAÚ/MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento Silva, Gabriele.

Voices da margem: gênero, pobreza e opressão na escrita de Carolina Maria de Jesus / Gabriele Nascimento Silva, Graciete Barros do Nascimento, Michele da Silva Almeida. - 2026.

36 p.

Orientador(a): Rosimary Gomes Rocha.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão, Ufma, Grajaú-ma, 2026.

1. Gênero. 2. Pobreza. 3. Literatura Marginal. 4. Carolina Maria de Jesus. I. Barros do Nascimento, Graciete. II. da Silva Almeida, Michele. III. Gomes Rocha, Rosimary. IV. Título.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado, em 13 de fevereiro de 2026, pela
Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha (orientador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dra. Ruteia Lima Almeida (examinador)
IFMA/Instituto Federal do Maranhão

Prof. Dra. Sandra Maria Barros Alves (examinador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Dedicamos este trabalho a Deus, por ser nosso porto seguro, guia e
força nos momentos mais difíceis desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, cuja presença e guia foram nosso alicerce em todos os momentos desta caminhada.

À nossa família, pelo amor, compreensão e suporte incondicional, fundamentais para que chegássemos até aqui.

À nossa orientadora, Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha, pela confiança depositada em nosso trabalho, pela paciência e pela sabedoria de seus ensinamentos, que foram decisivos para a condução e finalização desta pesquisa.

Aos professores do curso, cujo conhecimento compartilhado foi essencial para nossa formação, e aos amigos que, direta ou indiretamente, nos apoiaram e incentivaram.

À PROAES, pela assistência prestada ao longo de toda a nossa graduação.

Por fim, mas não menos importante, agradecemos umas às outras, pela parceria, paciência e dedicação mútua que tornaram possível a construção conjunta deste trabalho.

**VOZES DA MARGEM: GÊNERO, POBREZA E OPRESSÃO NA ESCRITA DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

**VOICES FROM THE MARGINS: GENDER, POVERTY, AND OPPRESSION IN
THE WRITING OF CAROLINA MARIA DE JESUS**

Gabriele Nascimento Silva

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade
Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú.
Email:gabriele.silva@discente.ufma.br

Graciete Barros do Nascimento

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade
Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú.
Email:graciete.barros@discente.ufma.br

Michele da Silva Almeida

Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade
Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú.
Email:michele.sc@discente.ufma.br

Rosimary Gomes Rocha

Professora Doutora do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade
Federal do Maranhão – UFMA/Centro de Ciências de Grajaú
E-mail: rosimary.rocha@ufma.br

Resumo

Este artigo tem como tema a escrita de Carolina Maria de Jesus, com ênfase na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), analisada a partir das relações entre gênero, pobreza e opressão. A justificativa do estudo fundamenta-se na importância histórica, social e literária da autora, cuja produção rompe com o silenciamento das vozes negras e periféricas e permanece atual nos debates contemporâneos sobre desigualdade e resistência. O objetivo é analisar de que forma essas categorias se articulam na escrita de Carolina, compreendendo sua obra como uma estratégia de denúncia social e de produção de conhecimento a partir da margem. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, baseada na análise da obra *Quarto de despejo* e de artigos acadêmicos publicados entre 2000 e 2025, selecionados em bases como SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os resultados indicam que a escrita de Carolina Maria de Jesus constitui uma forma de resistência à colonialidade do poder e do saber, ao evidenciar as experiências da mulher negra e pobre e ao reivindicar autonomia, humanidade e direito à palavra, consolidando sua importância no campo da literatura marginal e dos estudos sociais.

Palavras-chave: Gênero. Pobreza. Literatura Marginal.

Abstract

This article focuses on the writing of Carolina Maria de Jesus, with emphasis on her work *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), analyzed from the perspective of the relationships between gender, poverty, and oppression. The rationale for this study is based on the historical, social, and literary importance of the author, whose work breaks with the silencing of Black and marginalized voices and remains relevant in contemporary debates about inequality and resistance. The objective is to analyze how these categories are articulated in Carolina's writing, understanding her work as a strategy of social denunciation and knowledge production from the margins. Methodologically, this is a bibliographic research, with a qualitative approach, based on the analysis of the work *Quarto de despejo* and academic articles published between 2000 and 2025, selected from databases such as SciELO, CAPES Journals and Google Scholar. The results indicate that Carolina Maria de Jesus's writing constitutes a form of resistance to the coloniality of power and knowledge, by highlighting the experiences of poor Black women and by claiming autonomy, humanity, and the right to speak, thus consolidating her importance in the field of marginal literature and social studies.

Keywords: Gender. Poverty. Marginal Literature.

1 INTRODUÇÃO

*Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra **Carolina**, que logo se colocou como alguém que **tinha o que dizer**. E tinha! (Dantas, 2014, p.3, grifo nosso)*

A história da literatura brasileira, por muito tempo, excluiu as vozes vindas das margens sociais. Nesse cenário, Carolina Maria de Jesus surge como uma ruptura: mulher negra, semianalfabeta, catadora de papel, favelada, mas também escritora que ganhou reconhecimento nacional e internacional. Sua obra mais conhecida, *Quarto de despejo* (1960), apresenta uma narrativa visceral sobre fome, miséria e exclusão social, constituindo um marco de denúncia e resistência.

Como afirmaram Rosa e Silva (2020), Carolina inaugurou um pensamento liminar ao revelar, pela escrita, os efeitos da colonialidade que hierarquizou gênero, raça e classe na sociedade brasileira. Sua palavra rompeu o silêncio imposto às mulheres negras e pobres, inscrevendo-se como contra narrativa em uma sociedade que insistia em calá-las. O que configura a resistência de seu pensamento liminar, apesar da intersecção de opressões sociais vividas por ela, frente aos efeitos da colonialidade.

O estudo da obra *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, justifica-se pela relevância histórica, social e literária de seus escritos, que ainda ecoam como denúncia das desigualdades e como testemunho da resistência de uma mulher negra diante da marginalização. Ao trazer para o espaço acadêmico vozes que foram historicamente silenciadas, busca-se não apenas reconhecer a potência de sua narrativa, mas também repensar os modos como o conhecimento é produzido, transmitido e legitimado na sociedade brasileira. Ressaltando o jogo de poder que ocorre no campo acadêmico e literário (Bourdieu, 2011).

De acordo com Rebeca Ribeiro da Silva e Clarice da Costa Carvalho (2025, p.183), “a literatura de Carolina Maria de Jesus deve ser compreendida como arte de resistência, capaz de revelar as expressões da questão social brasileira a partir do olhar da classe trabalhadora e, especialmente, das mulheres negras”. Havendo a prevalência da intersecção de raça, gênero e classe em sua trajetória de resistência social. Tal perspectiva reforça a importância de valorizar suas obras como fontes que dialogam com a realidade social e ampliam os horizontes da compreensão histórica e cultural.

Diante da denúncia social presente em *Quarto de despejo*, como a escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada pela experiência da pobreza, do racismo e da condição de mulher

negra, pode ser compreendida como uma estratégia de resistência e de produção de conhecimento capaz de desafiar a colonialidade do saber e do poder? Analisando as relações entre gênero, raça e classe evidenciados na obra, de que forma a narrativa da autora revela que as desigualdades continuam presentes e nos faz refletir sobre as barreiras sociais que ainda impedem muitas pessoas de terem seus direitos plenamente reconhecidos?

Neste contexto foi realizado um breve estudo sobre a obra *Quarto de despejo*, de uma escritora, cuja obra foi, por décadas, negligenciada pelos livros de literatura brasileira e desconhecida pela maior parte da população tendo por base seus livros autobiográficos publicados. Para fundamentar o artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica em artigos e trabalhos científicos que abordaram essa temática.

O artigo foi dividido em seções, primeiramente uma narrativa sobre Carolina Maria de Jesus e a literatura marginalizada, gênero e a voz feminina, breves fragmentos sobre os reflexos da colonialidade do poder e do saber no papel e no lugar que as mulheres negras ocupam na história e na literatura brasileira. Seguido dos resultados com análise da obra e dos artigos selecionados sobre a vida da autora, a pobreza, escrita, resistência, colonialidade, raça e opressão. Por fim, retorno aos principais argumentos nas considerações finais. Portanto, o trabalho está dividido por meio dos seguintes tópicos e subtópicos: 3. a história de vida de Carolina Maria de Jesus e a Literatura marginal; 3.1 Interseccionalidade de opressões sociais enfrentadas por Carolina; 4. Análise da obra; 4.1 A fome: “Carolina viu a cor da fome - a amarela.”; 4.2 A favela: “a favela é o quarto de despejo de uma cidade¹”; 4.3 Escrita, corpo e resistência no contexto da favela; 5. O caminho aberto por Carolina; e Considerações finais.

A pesquisa possui caráter qualitativo e tem como objetivo principal analisar de que forma gênero, pobreza e opressão se articulam na escrita de Carolina Maria de Jesus, compreendendo sua obra como uma expressão de resistência e uma reivindicação de humanidade. Em específico, busca-se analisar a intersecção das categorias de gênero, classe e raça, na escrita de Carolina Maria de Jesus, especificamente na obra *Quarto de Despejo*; compreender a obra como uma estratégia de denúncia social e de produção de conhecimento a partir da liminaridade; e investigar como a escrita de Carolina desafia a colonialidade do saber e do poder.

2 METODOLOGIA

¹ Jesus (2014, p. 169).

Esta pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, com abordagem qualitativa, fundamentada em estudos publicados entre 2000 e 2025. O conjunto de análise foi formado pela obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) e por artigos acadêmicos recentes que discutem sua produção sob perspectivas como gênero, raça, colonialidade, privação social e interseccionalidade de opressões.

A revisão bibliográfica foi realizada por meio da análise de conteúdo, com o intuito de identificar e aprofundar aspectos relevantes para a compreensão da obra e do contexto em que ela foi produzida. Segundo Martins (2001, p. 32), a pesquisa bibliográfica "procura explicar e discutir um tema com base em referências teóricas publicadas em revistas, livros, periódicos e outros. Procura também, conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema". Dessa forma, esta pesquisa busca não apenas reunir dados, mas interpretá-los de modo crítico, a fim de promover novas reflexões acerca da escrita de Carolina Maria de Jesus.

A abordagem qualitativa, conforme destaca Chizzotti (2001), vai além da simples coleta de informações objetivas; ela busca compreender a realidade a partir do significado que os sujeitos atribuem às suas experiências. Ao afirmar que este método se fundamenta em "dados corrigidos nas interações interpessoais, na coparticipação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dados dão aos seus atos" (Chizzotti, 2001, p.104).

Foram utilizadas bases de dados acadêmicas como SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Como critério de seleção, empregaram-se as seguintes palavras-chave: Carolina Maria de Jesus, literatura marginal, resistência feminina, gênero e pobreza, colonialidade, interseccionalidade de opressões e escrita de mulheres negras. Essas palavras-chave foram aplicadas na busca tanto isoladamente quanto de forma combinada. Do material encontrado, foram selecionados os estudos que mais se aproximavam dos objetivos deste trabalho, constituindo o referencial teórico apresentado na próxima seção.

Além dos critérios técnicos, a escolha das fontes também considerou a relevância social e simbólica dos textos. Buscou-se valorizar autores e autoras que contribuem para o debate contemporâneo sobre literatura, gênero e desigualdade, priorizando leituras que dialogam com as experiências das mulheres negras e com o papel da escrita como ferramenta de resistência e emancipação. Assim, o processo metodológico não se restringiu à coleta de dados, mas envolveu um olhar sensível e reflexivo, atento às vozes que, historicamente, foram caladas.

3 A HISTÓRIA DE VIDA DE CAROLINA MARIA DE JESUS E A LITERATURA MARGINAL

Conforme Rocha (2021), Carolina Maria de Jesus (1914–1977), conhecida como Bitita, nasceu em Sacramento (MG), era filha de pais negros e neta de pessoas escravizadas. Teve acesso à alfabetização ainda na infância, apesar das dificuldades e do preconceito racial, o que marcou profundamente sua trajetória, embora tenha abandonado a escola aos nove anos para acompanhar a mãe em trabalhos fora da cidade.

Vale destacar que Carolina teve influência de seu avô, Benedito José da Silva, que era chamado por muitos de “Sócrates africano”, por sua sabedoria. Dele, Carolina ouvia histórias sobre o que viveu na escravidão. Portanto, a experiência com o avô a fez valorizar a memória, a história, a leitura e a escrita e transformá-los em instrumentos de luta e resistência.

Apesar de pequena, a totalidade de sua escolarização formal possibilitou o desenvolver de sua leitura e escrita. Carolina estudou no colégio Espírita Allan Kardec apenas por 1 ano e 6 meses. Teve como professora uma mulher negra, Lonita Solvina, o que a fez vislumbrar a ascensão social através da leitura, conhecimento e estudos.

Neste sentido, a infância marcada pela pobreza, pelo racismo e pela interrupção precoce dos estudos teve impacto direto na forma como Carolina passou a perceber o mundo e a si mesma. A leitura, ainda que breve no espaço escolar, tornou-se uma ferramenta de resistência e sobrevivência simbólica, influenciando profundamente sua escrita, que se construiu a partir da observação da desigualdade social e das vivências cotidianas da população negra e pobre, o que configura uma escrita literária de cunho social e liminar.

Abaixo há uma representação, imagem (01), de Carolina Maria de Jesus, sob a forma de arte tridimensional de uma estátua. Contudo, apesar da homenagem, a arte se refere à uma situação de preconceito, discriminação racial e religiosa vividas por ela na infância. Na ocasião, Carolina foi acusada por soldados, por volta de 1933, de estar lendo escritos sobre feitiçaria.

A situação, provavelmente, está ligada ao imaginário popular racista, de origem colonial europeia, que associa pessoas negras, afro descendentes, ao ocultismo e a práticas demoníacas. A homenagem realizada, por um lado, recorda uma agressão contumaz vivenciada por pessoas negras no Brasil. Além disso, também expressa uma denúncia ao preconceito racial e religioso.

Imagem 01: representação de Carolina no momento em que foi abordada e encaminhada por soldados à prisão, por serem ela lendo escritos sobre feitiçaria.



Fonte: IMS (2026)

Posteriormente, já na vida adulta, em 1947, Carolina mudou-se para São Paulo, passando a viver na favela do Canindé, onde trabalhou como empregada doméstica e catadora de materiais recicláveis. Mãe solo de três filhos, desenvolveu um projeto literário baseado no testemunho autobiográfico e ganhou projeção com a publicação de *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), obra de ampla repercussão nacional e internacional. Sendo um testemunho daqueles que vivem e sobrevivem nas bordas da sociedade.

A partir de sua trajetória marcada pela exclusão social e pelo acesso tardio à escrita, a produção literária de Carolina Maria de Jesus ultrapassa o âmbito do relato pessoal e assume um caráter político e social. Sua obra insere-se em um campo literário tenso por desigualdades históricas, no qual vozes periféricas raramente eram reconhecidas como produtoras de literatura.

É nesse contexto que sua escrita passa a ser compreendida como precursora do que posteriormente se convencionou chamar de literatura marginal. A imagem 02, abaixo, mostra como era a atmosfera de escrita de Carolina, pois mesmo com uma rotina exaustiva ela escrevia, sobretudo, sobre as condições em que vivia. Assim, suas anotações, realizadas na favela, não se restringem à descrição de uma realidade pessoal, mas se expandem para a problematização da vida daqueles que sofrem desigualdades sociais, assim como ela.

Imagem 02: publicação sobre a vida de Carolina Maria de Jesus, no jornal “O Cruzeiro.”



Fonte: IMS (2026)

O termo literatura marginal é frequentemente utilizado para designar produções literárias feitas a partir das periferias sociais e geográficas, por sujeitos historicamente silenciados. Nesse sentido, Carolina é pioneira. É interessante notar que Carolina se via como alguém que se infiltrou em um campo quase impermeável. Por isso, ela disse: “Quando infiltrar na literatura Sonhava só com a ventura Minhalma estava chêia de hianto Eu não previa o pranto” (Jesus, 2019, p.100).

Seu diário de uma favelada foi publicado em um Brasil marcado pelo desenvolvimentismo do governo Juscelino Kubitschek, mas também pela desigualdade extrema. Sua recepção, no entanto, foi ambígua: se por um lado despertou admiração internacional, o livro foi traduzido para mais de 13 idiomas e vendeu mais de 1 milhão de cópias (Farias, 2025), por outro, foi lida com preconceito por parte da crítica, que muitas vezes espetacularizou e exotizou a sua condição de favelada.

A análise de Jesus e Claro (2022) sobre Carolina Maria de Jesus ressalta sua força e visão de futuro, mesmo em meio à adversidade:

Mostrou ser uma mulher autêntica, inspiradora, otimista, que, mesmo sofrendo com tantas injustiças sociais, preconceitos, discriminação, não desistiu de sonhar e de ir em busca de seus sonhos. Almejava uma sociedade igualitária, com políticos honestos, com uma igualdade econômica, nunca se aceitou como pertencente ao meio da favela, pois tinha convicção de que em algum momento seus escritos seriam reconhecidos e ela sairia daquele lugar (Jesus; Claro, 2022, p. 288).

Carolina Maria de Jesus foi muito mais do que uma escritora vinda da favela do Canindé, foi uma mulher que transformou o caos onde morava, a própria dor em palavra e a palavra em potência social. Autodidata, sensível e profundamente consciente das injustiças que enfrentava, ela utilizou seus cadernos como espaço de denúncia e também como insistência na própria existência.

Tanto o avô de Carolina, Benedito, quanto o Sr. Nogueira ajudou Carolina em seu letramento. O avô, como apontado, a formava socialmente, especialmente ao abordar em suas narrativas sobre as mazelas da escravidão e injustiças sociais e, o Sr. Nogueira, a atualizava, junto com as demais pessoas negras de Sacramento, das notícias dos jornais. Com isso, pode-se considerar que Carolina teve uma alfabetização plural.

Não por acaso, segundo Gagnebin (2006, p. 53–54) Carolina pode ser comparada à figura do trapeiro “o catador de sucata e lixo típico das grandes cidades modernas, que recolhe fragmentos, sobras e detritos, movido não apenas pela necessidade imposta pela pobreza, mas também pelo impulso de evitar que algo se perca”. Ao mesmo tempo, ela se configura como uma “narradora sucateira”: uma poetisa que recolhe palavras nas ruas, entre os resíduos e restos do cotidiano.

A autora constrói, por meio da palavra, um universo imaginário que lhe permite resistir às desigualdades, como se observa na citação a seguir: “Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades” (Jesus, 1993, p. 52).

Seu caminho revela uma força que rompeu o destino que lhe fora imposto, o silêncio, a fome, a invisibilidade para reivindicar lugar no mundo das letras, mesmo quando esse mundo não a reconhecia como igual. Carolina escreveu porque precisava sobreviver, mas também porque sabia que sua voz ecoava a de milhares de brasileiros esquecidos.

3.1 Interseccionalidade de opressões sociais enfrentadas por Carolina

Carolina escreveu a partir de um lugar amplamente marcado: ser mulher, negra, pobre e mãe solo. Seus registros diários mostram a sobrecarga de cuidar dos filhos, garantir o sustento e ainda enfrentar o preconceito e discriminação. É oportuno destacar que o fato de não ter um homem ao seu lado, não ser casada, ocasiona para Carolina outra discriminação, não apenas com ela, mas também com seus filhos. No relato seguinte ela explica como tais atitudes são percebidas “todas crianças jogam pedras, [nas casas] mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas.” E conclui dizendo “Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade” (Jesus, 2014, p. 13-14).

Além disso, Carolina vive atormentada pelo receio de seus filhos serem maltratados em sua ausência. Ela descreve que trabalha “depressa pensando que aquelas bestas humanas são capás de invadir [seu] barracão e maltratar [seus] filhos.” Ela afirma sobre a situação: “Trabalhei apreensiva e agitada. A minha cabeça começou doer. Elas costuma [vizinhos] esperar eu sair para vir no meu barracão expandir os meus filhos justamente quando eu não estou em casa. Quando as crianças estão sosinhas e não podem defender-se.”

No que concerne ao entendimento da discriminação relativa ao gênero, autoras como Judith Butler (2018) compreendem o gênero como algo construído socialmente, ou seja, não determinado apenas pelo nascimento, mas formado ao longo da vida por meio das experiências, dos comportamentos e das normas impostas pela sociedade.

Essa perspectiva é compartilhada por estudiosas como Joan Scott (1995), que entende o gênero como uma categoria histórica ligada às relações de poder, e por Djamila Ribeiro (2017), ao destacar que as vivências das mulheres são atravessadas por diferentes contextos sociais, especialmente quando se consideram desigualdades de raça e classe. Dessa forma, essas autoras questionam concepções fixas sobre o que é ser mulher e possibilitam uma compreensão mais diversa, dinâmica e plural das experiências femininas.

Sua escrita ecoa o que Hooks (2019) e Davis (2016) chamam de tripla opressão. Como mulher, negra e pobre, Carolina enfrentou múltiplas barreiras. Contudo, ela recusou o destino do silêncio. Como observam Sparemberger e Oliveira (2020), Carolina representa a mulher subalterna que ressignifica sua condição ao falar e escrever, denunciando as opressões coloniais que a atravessam.

Kimberlé Crenshaw (2002), sobre o acúmulo de opressões sociais vivenciadas por algumas pessoas, cria o conceito de interseccionalidade para explicar como ocorre a aglutinação de desvantagens sociais para alguns. Assim, ela argumenta que “muitos dos nossos problemas de justiça social, como racismo e sexismo, frequentemente se sobrepõem, criando múltiplos

níveis de injustiça social". Para a autora, a metáfora de um acidente em um cruzamento de ruas é instrutiva para demonstrar como indivíduos são atingidos de forma desigual pelos problemas sociais, tal qual uma pessoa acometida por vários automóveis em um acidente de trânsito estando ela em um cruzamento.

Logo, a experiência de uma mulher negra e pobre, para Crenshaw (2002), pode ser comparada à de alguém em um cruzamento: ela pode ser atingida, ao mesmo tempo, por um automóvel simbolizando o gênero, por outro expressando a raça, por um terceiro representando a sua classe social, e, ainda, por um quarto, representando sua condição de mãe solo.

Imersa nesse amálgama de dificuldades, de acordo com Rocha (2021, p.29), "O lugar de fala não foi dado a Carolina, mas, sim, conquistado, [e este foi] constantemente ameaçado." Assim, para uma escritora que vem da margem de um grupo oprimido e esquecido, a escrita e todo o sofrimento enfrentado, alimentava um sonho: de um dia ter seus diários publicados.

Na obra "Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus", a autora Aline Alves Arruda descreve Carolina como

Diversidade e resistência são, portanto, palavras adequadas para se referir a Carolina. A diversidade retrata bem sua obra múltipla e variada. Resistência é ainda mais amplo e perfeito para defini-la, afinal, a biografia de Carolina está aliada à sua obra, e resistir aos percalços e dificuldades da vida tornou-a uma escritora porta-voz da resistência feminina, negra e marginal (Arruda, 2016, p. 10 apud Jesus; Claro, 2022, p.289).

A vida de Carolina, apesar de a exotizarem, não foi um "conto de fadas real", mas sim uma vida cruelmente real. A sua voz no diário é de suma importância, tanto racial quanto feminina, uma vez que seu papel é registrar ou documentar suas dificuldades diárias. A obra evidencia a miséria e a marginalização, mas também reforça a importância da autoria negra feminina na literatura brasileira.

Sparemberger e Oliveira (2020) classificam Quarto de despejo como "um testemunho que desempenha um papel essencial ao denunciar a realidade de populações deixadas à margem da estrutura social e que o Direito, por si só, não se mostrou capaz de protegê-las adequadamente". Não é sobre esforço individual, mas o lugar social que apresenta barreiras que bloqueia oportunidades. O sistema "restringe as oportunidades", ou seja, ele dificulta o acesso ao estudo, ao bom emprego, uma boa moradia e à saúde, o que o autor afirma é que a pobreza e a exclusão são problemas da sociedade, e não responsabilidade unicamente das pessoas.

Flávia de Castro Souza (2020) reconhece Carolina Maria de Jesus como uma voz feminina negra que escreve a partir da margem social, denunciando as desigualdades estruturais de raça, gênero e classe. Além disso, contribuições teóricas do feminismo negro, dos estudos

sobre lugar de fala e das discussões acerca da identidade e da representação social permitem compreender sua escrita como um ato de resistência, no qual a favela deixa de ser apenas objeto de discurso e passa a constituir-se como lugar de fala e produção de conhecimento.

4 ANÁLISE DA OBRA

4.1 A fome: “Carolina viu a cor da fome - a Amarela.”

A pobreza e a privação social sentidas na pele e no estômago vazio de Carolina, não acometiam somente a ela. O editor, Audálio Dantas (2014, p.7) grifa que “A fome aparece no texto com uma frequência irritante” ao ponto de a fome ganhar caracterizações particulares: “o céu, as árvores, as pessoas, os bichos – ficavam amarelas quando a fome atingia o limite do suportável,” descrevia Carolina. Assim, a visão turva, desbotada e amarelada, do corpo desnutrido, como mostrou a autora, é a realidade de milhares de brasileiros, ainda hoje.

Carolina é uma “personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética.” (Dantas, 2014, p.7). Não é somente um espetáculo para quem vê de fora sua situação, como aqueles que insistem em vê-la como veem de longe animais exóticos em um zoológico, que no fundo sentem medo, mas, como sobrevivente e denunciante de uma realidade pulsante de um número considerável de brasileiros à margem da economia desenvolvimentista daquele período.

Nesta direção, para Pinangé et al. (2020, p.6) Carolina é a protagonista do livro que ela mesma escreveu, no qual narra o dia a dia na favela, relatando tanto a sua vida e a de seus filhos/as, como a dos/as outros/as moradores/as. A escrita é o modo que ela encontrou para se situar no mundo, falar da vida, do sofrimento, dos seus maiores personagens: a favela e a fome. “Favela”, “fome”, “sofrimento” são referências constantes em suas narrativas. O seu diário é um modo visceral de tomada de consciência de si e dos outros, da cor da sua pele e do cenário em que vive.

Em Quarto de despejo, a fome não é apenas um tema, mas estrutura narrativa. Cada página denuncia a ausência de comida, moradia adequada, saneamento e dignidade. Savian, Batista e Spode (2024) identificam essas condições como situações de privação social, indo além da pobreza como falta de renda. Esse conceito amplia a leitura da obra, mostrando que Carolina denuncia não exclusivamente sua própria fome, mas a estrutura social que mantém populações inteiras à margem. Neste sentido, para a autora, a fome era análoga à escravidão,

portanto, descreve que “no dia 13 de maio de 1958 [...] lutava contra a escravatura atual - a fome!” (Jesus, 2014, p. 27).

Segundo ela, a fome só seria objeto de descrédito narrativo, político e social, para “quem não [a] conhece” e, portanto, estes haveriam “de dizer: ‘Quem escreve isto é louco’. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem, Carolina. Os gêneros alimentícios devem ser ao alcance de todos” (Jesus, 2014, p. 32).

Como recurso analítico, Carolina compara a tontura da fome com a do álcool e nos diz que “a tontura da fome é pior do que a do álcool. [Pois] a tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer” e, conclui afirmando que “é horrível ter só ar dentro do estômago.” (Jesus, 2014, p. 38).

Além disso, com exaustão, o tema da fome ganha força política e social em sua obra, ao tornar patente suas consequências e suas precedências sociais. Não sendo um problema meramente individual, Carolina mostra, com indignação, o quanto a fome é uma decisão política por parte daqueles que governam. Por isso diz “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (Jesus, 2014, p. 25).

E acrescenta, a respeito de sua maternidade desassistida, “a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome!” (Jesus, 2014, p. 53). Apesar disso, com parcimônia, dizia “quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia.” (Jesus, 2014, p. 169).

Em seus registros, a autora demonstra que a fome não é episódica, mas constante, ao afirmar: “Eu amanheci nervosa. Porque eu queria ficar em casa, mas eu não tinha nada para comer” (Jesus, 2014, p. 33). Ao narrar essas experiências, a autora demonstra que sua condição não é individual, mas representa uma parte de parcela significativa da população brasileira submetida à pobreza extrema e à privação social, transformando sua escrita em denúncia das desigualdades estruturais no país.

Por isso, a fome e a privação social aparecem de forma recorrente no cotidiano narrado por Carolina Maria de Jesus, revelando que tais experiências não são individuais, mas coletivas. Conforme apontam Savian, Batista e Spode (2024), a autora denuncia a pobreza como um fenômeno estrutural, evidenciando a ausência de acesso à alimentação, moradia digna, vestimentas e demais direitos sociais, transformando sua narrativa em um importante documento de denúncia social.

Neste sentido, resta notório que a fome, o sofrimento e a favela são peças de um mesmo mosaico social. Quando Carolina diz que “A pior coisa do mundo é a fome!” (Jesus, 2014, p. 165), ela fala do contexto da pobreza da vida em uma favela: Canindé. Lá, havia uma conexão

entre “Favela”, “fome” e “sofrimento”, que, como apontado, são referências constantes em suas narrativas.

4.2 A favela: “A favela é o quarto de despejo de uma cidade²”

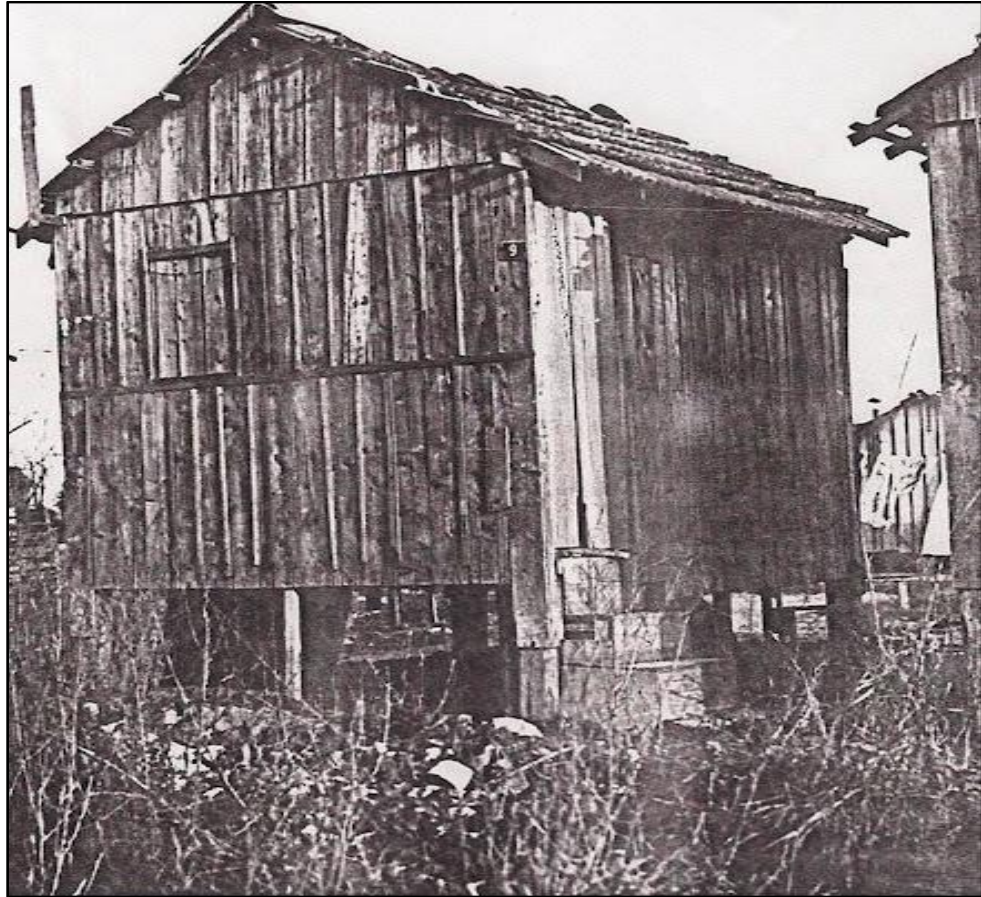
Carolina destaca que “nós os pobres, somos os trastes velhos” que vivem na área de despejo das cidades (Jesus, 2014, p. 169). E nesta zona de despejo, nos tornamos “escravos do custo de vida” (Jesus, 2014, p. 10). Com isso, a autora evidencia a presença de ações públicas e privadas de segregação socioespacial (Negri, 2008) e gentrificação (Furtado, 2011) no planejamento urbano das cidades brasileiras.

Logo, é razoável concluir que ser empurrado para a periferia da cidade, para a área de “despejo” do mundo, para o meio dos detritos e rejeitos, não é um processo natural, é ação coordenada por pessoas influentes e instituições públicas ou empresas privadas. Carolina vive e observa as consequências de tais ações na sua vida e na de seus vizinhos. Em seu diário, no dia 21 de maio, ela descreve: “Quando eu fui buscar água vi uma infeliz caída perto da torneira porque ontem dormiu sem jantar. É que ela está desnutrida.”

Na imagem 03, abaixo, é possível observar as condições das moradias na favela do Canindé, que se contrasta com o que a maioria das pessoas sonham em viver na cidade. Carolina, sobre a contradição, aponta que “São Paulo é uma cidade importante. Deve-se falar algo desta cidade. São Paulo era o estado enaltecido do país. As pessoas que sofriam no mundo, pensava em São Paulo suspirando: Oh! Se eu pudesse ir pra lá! São Paulo era o ponto de salvação.” (Jesus, 2021, p. 189).

Imagem 03: Casa de Carolina Maria de Jesus, no Canindé

² Jesus (2014, p. 169).



Fonte: Arquivo Jornal Última Hora (27.05.1952)

Diante disso, o desejo de Carolina de sair do local em que vivia é a instrumentalização da esperança daqueles que só podem contar com ela. Portanto, na favela, longe de estar em um castelo, como imaginara, Carolina encontra-se exposta às chuvas e às alterações climáticas. Ela descreve a própria situação dizendo: “o dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda e suja. Já uso o uniforme dos indigentes.” (Jesus, 2014, p. 51-52). Assim, lamenta, sobretudo, pela situação de seus filhos e crianças que vivem como ela: “tenho dó destas crianças que vivem no Quarto de Despejo mais imundo que há no mundo.” (Jesus, 2014, p. 118).

A esperança tem sua marca em diversos relatos de Carolina, em um deles ela diz: “Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (Jesus, 2017, p.36). Se configurando como combustível para sonhar e desejar uma mudança de realidade.

Neste sentido, para ela, no Brasil, os pobres são a figuração da inutilidade, isto é, servem ao sistema político e econômico apenas até certo ponto, mas logo tornam-se um “rebotalho”, o que sobra, o que “queima-se ou joga-se no lixo” (Jesus, 2014, p. 32). Sobre isso, Jesus e Claro (2022, p. 290) explicam que quando Carolina utiliza uma metáfora para nomear seu livro "Quarto de despejo", ela vê a favela como um local onde se joga tudo que não presta, ou que

não quer mais: “nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais.”(Jesus, 2014, p. 54).

Portanto, a autora estabelece uma comparação simbólica entre a cidade de São Paulo e uma casa, retratando os efeitos da segregação socioespacial (Negri, 2008), na qual a favela é representada como o "quarto de despejo". Esse espaço metafórico corresponde ao local destinado aos rejeitos, explicando como ali são confinadas as pessoas marginalizadas e excluídas socialmente, tornando-os invisíveis pelo poder público e pela sociedade em geral.

[...] As oito e meia eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro pobre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora do uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 2014, p. 37).

Nessa citação, Carolina Maria de Jesus constrói a imagem do que é a cidade formal e a favela, enquanto a cidade é associada a um espaço de conforto, beleza e prestígio comparável a uma sala de visitas, a favela surge como um ambiente marcado pela precariedade, pela sujeira e pelo abandono. Ao se perceber como um “objeto fora de uso”, a autora revela a desumanização imposta aos moradores das periferias, reforçando a ideia da favela como um “quarto de despejo” social.

A pobreza e a privação social configuram-se como uma condição estrutural que atinge grande parte da população brasileira, manifestando-se na falta de moradia digna, alimentação adequada e acesso a direitos básicos. Essa realidade é vivenciada de forma intensa por Carolina Maria de Jesus, cuja trajetória na favela do Canindé revela o cotidiano marcado pela fome e pela exclusão.

Como consequência de tais injustiças sociais e no limite do esgotamento emocional e físico, Carolina Maria de Jesus desabafa: “Levantei nervosa, com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver? Será que os pobres de outros países sofrem igual aos pobres do Brasil?”

Logo, para Rosa e Silva (2020) os problemas narrados não são apenas de ordem pessoal, são também, questões de classe. Questões que perpassam pela economia e pela política do país, pela cultura hegemônica marcada pela exclusão de raça e gênero que tanto incomoda a autora. Em suas reflexões sobre a realidade histórica e a condição social de “favelada” em que se encontra, conclui que até mesmo as aves têm condições de vida melhores do que as dos favelados, "que deitam e não dormem, porque deitam-se sem comer" (Jesus, 1960, p. 30).

As desigualdades e injustiças vivenciadas por sua classe social foram os principais motivos que levaram autora decidisse escrever e publicar seu primeiro diário e desabafar seus maiores incômodos:

17 de maio - Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista, e o seu ajudante jogam umas latas. E linguiça enlatada. Penso: E assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganância de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados (Jesus, 2014, p. 34). 19 de maio - Havia pessoas que nos visitava e dizia: Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo (Jesus, 2014, p. 30).

A autora evidencia que a fome e a miséria constituem uma realidade coletiva vivida pelos moradores da favela, descreve a precariedade da vida cotidiana e a luta constante pela sobrevivência, mostrando que a miséria ali vivenciada não é individual, mas coletiva. A dignidade humana era sistematicamente negada, uma vez que sua condição de mulher negra, pobre e moradora da favela a colocava à margem do reconhecimento e do respeito.

De acordo com Lélia Gonzalez (2020, p. 99-100) as situações de desigualdade e extremas dificuldades vividas pela população negra do país foram muito questionadas a partir das lutas organizadas por associações de moradores, que não aceitaram de forma passiva esta exclusão, assim como não aceitou Carolina a realidade que se impunha. Sem isso, o racismo passaria como Lélia Gonzalez (1984) descreveu:

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, cianice, etc. e tal. (Gonzalez, 1984, p. 225)

Quarto de despejo é uma denúncia, um grito de socorro, a autora descreve de forma sistemática sua rotina de vida, seu trabalho miserável em uma sociedade que rejeita a sua presença e relata o preconceito racial e falta de empenho dos órgãos públicos de forma a questionar a “naturalidade” das desigualdades e do racismo.

Carolina Maria de Jesus afirma em seu diário que: “Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá isto é mentira! Mas, as misérias são reais. O que eu revolto é contra a ganância dos homens que espremem uns aos outros como se espremem uma laranja. (Jesus, 1960, p. 41)”. Essa afirmação evidencia a consciência crítica da autora diante da negação da dignidade que manifesta-se no dia a dia nas dificuldades quanto pela desvalorização da sua existência e de sua voz pela sociedade.

Nesta direção, como destaca Bertol (2025), Carolina foi “arrastada para as ruas”, para a liminaridade, para fora da zona de reconhecimento literário e midiático, também pelo mercado editorial e pela mídia, tendo sua obra atravessada por tensões entre autenticidade, recepção e consumo. Ainda assim, conseguiu marcar um lugar de fala inédito para uma mulher negra e periférica no cânone literário.

A liberdade com que Carolina Maria de Jesus aborda seu papel de mãe, mulher solteira, negra e pobre revela uma postura extremamente contemporânea, marcada pela defesa da autonomia intelectual e pelo compromisso com a leitura e a escrita como caminhos para sua realização pessoal e para a educação dos filhos (Bertol, 2025).

4.3 Escrita, corpo e resistência no contexto da favela

Segundo Santos (2025), a escrita de Carolina não afetou apenas sua vida, mas também os corpos de sua comunidade: vizinhos, filhos e leitores, que passaram a ser interpelados pela exposição do cotidiano da favela. Assim, escrever, nesse sentido, foi um ato corporal e político, pois cada palavra representava esforço físico, resistência ao cansaço e à fome, e também um gesto de insubordinação. Sua literatura é, portanto, uma forma de escrevivência, como afirmou Evaristo (2007), em que vida e escrita se fundem como prática de resistência.

O autor ressalta que a própria materialidade da escrita, visível no tipo de letra e nas combinações silábicas, expressam um corpo marcado por uma “originalidade distintiva”, em sintonia com sua produção literária. No âmbito das questões de gênero, destacam-se as figuras da mulher e da mãe, com seus desejos e escolhas afetivas; segundo o pesquisador, seus parceiros eram “sempre brancos, de preferência estrangeiros, pais de seus filhos” (Meihy, 2021, s.p.).

Sua obra demonstra que escrever, para além de um ato intelectual, foi também um esforço corporal, emocional e político, realizado em meio ao caos, ao cansaço e à fome. Ainda assim, Carolina persistiu, transformando cadernos encontrados no lixo em espaços de denúncia e de esperança. “Escrevo a miséria dos favelados [...] Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (Jesus, 1960, p.35). A sua escrita é um espaço de refúgio, um ato que impede de submeter-se à realidade que degrada sua mente e corpo que se encontram presos em ambiente sujo e doloroso.

Por vezes, Carolina buscava um lugar de tranquilidade interior para esquecer do lugar e condição em que vivia, sobretudo através da leitura: “aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto.” Calma esta que cessava ao lembrar da necessidade do alimento “quando iniciei outro

surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão.” (Jesus, 2014, p.11).

Carolina usa o corpo para carregar sacos de papel que encontra no lixo. Parte desse papel é vendido para comprar comida para sua família e alimentar seu corpo enfraquecido, os mesmos papéis que ela encontra no lixo utiliza para escrever seu diário. “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão” (Jesus, 1960, p.9). O papel tem o valor de moeda de troca para comprar comida e sobreviver e, também é o seu suporte para a sobrevivência mental para escrever. Nesse sentido, Santos (2025, p.45) cita em seu artigo que:

No processo de recolher no lixo os próprios cadernos onde escrevia, a autora traça um paralelo entre suas narrativas e o modo encontrado para a subsistência; seus pensamentos estão impressos com sua letra naquelas páginas de diferentes tamanhos e formatos onde registrava os seus escritos. O papel catado no lixo servia quase sempre para a pequena renda que saciava a sua fome e a dos seus filhos, ao mesmo tempo em que era atendida com esta recolha outra necessidade de seu corpo: a escrita (Santos, 2025, p.45).

A dimensão do corpo ocupa um lugar central na obra de Carolina, conforme aponta Meihy (2021, s.p.), não é possível analisá-la sem recorrer diretamente ao modo como o corpo é mobilizado. Há tanto o corpo inscrito na obra quanto aquele que circula pelas ruas um corpo feminino. A escrita não é um ato intelectual isolado, ela nasce das necessidades do corpo como a fome, frio e cansaço, e atua como a única ferramenta possível para manter o equilíbrio mental e a dignidade desse mesmo corpo frente à desumanização da favela.

Ela tinha um corpo e mente livres, lutava por igualdade, direitos e respeito na sociedade, portanto, em um dos seus momentos ela relata: “Não invejo as mulheres casadas da favela que levam a vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente. Os que preferiam me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (Jesus, 1960, p.14). A vida das outras mulheres na favela era mais difícil pois elas aguentavam violência doméstica, eram destinadas a servir o marido e sustentar a família, o que no entendimento de Carolina suplantaria o pouco tempo que tinha para a leitura e a escrita.

O corpo de Carolina registra a realidade em que vive, sendo a fome descrita como uma experiência física violenta que altera a percepção do mundo e dita o ritmo da escrita. O corpo dói, carrega peso e sente tontura, e é esse sofrimento físico que impulsiona o registro no diário. Nesse sentido, a autora descreve a fome como uma agressão ao corpo, pior do que a embriaguez, alterando seu estado físico e mental.

A sua rotina de catar papel exige um esforço físico brutal, que compete com a energia necessária para escrever ou cuidar dos filhos. Sobre isso ela desabafa: “Eu ponho o saco na cabeça e levo-a nos braços. Suporto o peso do saco na cabeça e suporto o peso da Vera Eunice nos braços. Tem hora que revolto-me” (Jesus, 1960, p.19). Além disso, para ela, sua vida como catadora “foi adversa a minha vida na capital na Canaã do Brasil. Para não morrer tive que exercer os afazeres mais humilhante que é catar papel” (Jesus, 2020, p. 157).

O corpo exausto é uma realidade constante na obra de Carolina Maria de Jesus, pois a sua sobrevivência e a dos seus filhos dependem exclusivamente do seu esforço físico diário. O cansaço não é apenas uma sensação, mas uma barreira que ela precisa vencer todos os dias. A esse respeito ela diz: “Quando eu não tenho nada para comer, invejo os animais” (Jesus, 1960, p. 55). Neste sentido, para a autora, o corpo humano encontra-se numa condição inferior à dos animais, algo contra o que ela resiste mentalmente, pois segundo ela os animais são alimentados pela natureza.

Este cansaço é descrito por ela, quando expressa que pobre não tem direito ao repouso, “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte (...) Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas, e lenha.” Neste sentido, é possível perceber a opressão social atrelada à sua condição de classe (Jesus, 2014, p.11).

Para Carolina o ato de escrever era tão importante e natural que mesmo cansada com corpo fisicamente dolorido e a mentalmente perturbada ela escrevia em seu diário para acalmar e organizar esse caos internamente:

16 de julho “cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. (Jesus, 1960, p. 9); 18 de julho [...] Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos”.(Jesus, 1960, p. 13); 19 de julho “vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (Jesus, 1960, p. 17)

Uma mulher negra, mãe solteira e pobre que vive em um ambiente insalubre onde seu corpo é vulnerável, usando a escrita como uma forma de se defender da injustiça da favela e aproveitando essa habilidade ou esse dom como arma de resistência social como um objeto de poder, onde o livro torna-se uma ameaça aos vizinhos que a perturbam e desrespeitam tendo ela todo o controle da narrativa. A favela e tudo que acontece nela ou entorno da sua família torna-se uma exposição pública em seu livro.

Diante do racismo Carolina não hesitou, exaltou seu corpo negro em contraposição aos padrões estéticos ou morais atribuídos, usando a escrita para reafirmar sua beleza e orgulho. “Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente” (Jesus, p.58).

Nota-se que o racismo estrutural aparece em sua trajetória literária e social. Como lembram Rosa e Silva (2020), Carolina desvela a colonialidade do poder e do saber, questionando hierarquias que associam raça e gênero à inferioridade. Sua voz, nesse contexto, é liminar: habita a fronteira entre o silêncio imposto e a denúncia insurgente. Por isso, continua inspirando movimentos decoloniais e feministas interseccionais no Brasil e no mundo.

Essa realidade dialoga com a fala de Jurema Werneck (2010), que ressalta como a trajetória das mulheres negras, pois a maioria delas enfrentam situações de precariedade em termos educacionais e profissionais que limitam seu acesso a bens e oportunidades sociais, fatores que têm grande influência sobre sua qualidade de vida. Sua ancestralidade resiste e reafirma que as conquistas são frutos de constantes lutas históricas.

Segundo Bertol (2025, p.486) são muitas as frentes de crítica que o livro abre, certamente incompreendidas há mais de meio século, o que pode explicar o fato de ter caído no esquecimento, ainda mais passando pelo período do retrocesso da ditadura militar. As misérias passadas coincidem com as misérias do presente, a autora denunciava coisas que passaram de gerações e gerações de dimensões políticas e sociais. Ela estava situada no mundo e compreendia tudo que acontecia na sua atualidade.

Silva e Carvalho (2025) destacam em seu trabalho o processo histórico de silenciamento e invisibilização imposto às mulheres negras, do qual a autora foi vítima, mas que, através de sua escrita, conseguiu representar uma exceção e tomar espaço no mundo literário. Carolina utilizou esse recurso como ferramenta de manifestação e luta contra opressões impostas aos sujeitos pobres e negros. A autora buscou em sua obra a visibilidade das questões sociais de onde vivia, tornando uma forte ferramenta na luta contra a desigualdade.

Angustizada pela realidade degradante do “quarto de despejo”, Carolina escreveu sobre a falta de alimento que castiga sua família, a jornada de trabalho excessiva e cansativa pela sobrevivência, sobre o frio e a escassez de empatia na favela, sua luta dia após dia para sobreviver. Seus escritos manifestam a indignação contra a negligência política e, principalmente, seu sonho de ser uma grande escritora.

E, sobre as dúvidas que pairavam sobre ela, “O poeta Manuel Bandeira, em lúcido artigo, colocou as coisas no devido lugar: ninguém poderia inventar aquela linguagem, aquele

dizer as coisas com extraordinária força criativa mas típico de quem ficou a meio caminho da instrução primária. Exatamente o caso de Carolina, que só pôde chegar até o segundo ano de uma escola primária de Sacramento, Minas Gerais” (Dantas, 2014, p. 9).

5. O CAMINHO ABERTO POR CAROLINA

Imagem 04: Carolina numa sessão de autógrafos



Fonte: IMS (2026)

A escrita de Carolina Maria de Jesus não só representou a história de uma vida à margem, ela desbravou um caminho novo para a Literatura brasileira e mundial, pois suas obras ainda reverberam pelo mundo, por meio das inúmeras publicações realizadas em distintos países ao longo dos anos. Pensando a partir de uma forma de escrita, que por natureza é decolonial, descolonizadora, deixou seu legado para o campo literário, construiu um jeito de escrever a partir daquele que “está dentro” e vive o que fala e, além disso, criou uma forma de ler, escrever e denunciar problemas sociais a partir da resistência do próprio corpo.

Como apontado por Bourdieu (ano, p.) tanto no campo científico quanto literário, há a prevalência de disputas pelo espaço. Para muitos, especialmente, para as mulheres, são sugeridos lugares fora desses campos, isto é, nas margens ou mesmo fora, como outsiders. Carolina esteve fora deste campo por muito tempo, contudo, não permaneceu assim. Sua conquista, seu trabalho tornaram-se referência de crítica à colonialidade do saber literário.

Falar de dentro da favela foi uma mudança que causou curiosidade, e como visto, até exotizou o trabalho de Carolina. Entre admiração e condenação, os escritos de Carolina tornaram-se ressuretos. Por vezes morreram sob a acusação de ilegitimidade e, por outras, ressurgiram em meio a forte e patente sensibilidade e originalidade que continham.

Romper com os cânones científicos e literários, escrever com a vida e marcar a escrita com expressões reveladoras de problemas sociais, é um forte despertar para uma nova forma de fazer literatura. Assim, ao construir com a vida a obra “Quarto de despejo,” Carolina gerou um incômodo no campo literário. Agora, a favela não seria mais uma realidade retratada de forma abstrata por escritores. Melhor, a favela deixaria de ter personagens coadjuvantes, ou mesmo invisíveis, e passaria a ter protagonistas, escritores, pessoas que querem falar e sabem do que falam.

Sobre este legado, Marques (2023, p.110) destaca que

Os cadernos de Carolina Maria de Jesus constituem um espólio em construção que revela múltiplas dimensões da obra caroliniana. Defendo que as suas escritas destacam a busca por um projeto de Brasil como cerne do seu projeto intelectual, o que enseja, portanto, a compreensão de Carolina de Jesus como uma intérprete do país. É o ângulo que precisa ser lido com maior profundidade pela fortuna crítica contemporânea: utilizando-se amplamente dos recursos literários de uma linguagem original e complexa, Carolina Maria de Jesus constrói uma lógica discursiva compromissada em decodificar a estrutura sociopolítica brasileira, explicando a história da nação através de suas escritas. Em um momento de intensa releitura de suas obras esgotadas no mercado, novas edições recentes complementam a sustentação do título de intérprete da história de um povo: além das escritas da trilogia Diário de Bitita, Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria, seus Provérbios, a antologia poética Clíris e Meu sonho é escrever..., coletânea de textos em prosa, arrematam o escopo de um projeto de país que procurou não apenas explicar a formação da sociedade brasileira, mas propor caminhos possíveis de futuro (Marques, 2023, p.110)

Bitita também criou uma escrita que não nega o corpo, isto é, criou uma escrita que surge do martírio que ele sofre socialmente. Aquele escritor impessoal, que escreve como se fosse sobre outrem, perdeu espaço e fora substituído pela escrita de quem sabe que o corpo também dita os rumos da obra. Assim, Carolina desenvolveu uma escrita que alia ao texto a sobrevivência do próprio corpo, da própria dignidade. Além disso, mostrou que produzir uma

obra não se desliga das limitações e capacidades do corpo. Por isso, sua originalidade literária surge, também, da percepção das sensações do próprio corpo, diante de limitações materiais.

Operacionalizar a própria fome, a própria injustiça, para além de um esquema temático, dando-lhes lugar de denúncia social, foi uma marca de Carolina. Metaforizar o que se vive, com aquilo que o mundo deveria ser, tornou-se um forte recurso literário e social. Ter a coragem de narrar a própria história, sem medo de a acharem simplória demais, abriu espaço para tantas outras pessoas que vivem nas margens da economia, da sociedade, seguirem o mesmo caminho.

Na liminaridade, catando papel e escrevendo naquilo que foi dado como lixo, Carolina colaborou para o desenvolvimento de uma Epistemologia da margem. Seus escritos tornaram-se documentos de cunho etnográfico, geográfico, histórico, político e social. Seus escritos são também ação. Carolina foi capaz de tratar de assuntos caros à economia, à política e à sociedade em geral, a partir de vivências e escrevivências a respeito do quanto lhe faltava materialmente para comer, vestir, se divertir e viver dignamente. Sua obra é, portanto, uma construção de conhecimento, é epistemologia.

É interessante notar, que, para além dos clássicos da literatura brasileira ou sociologia brasileira, que explicam o que é o Brasil, aqueles que compõem o panteão, Carolina traz resistência a discursos colonizadores, de pensadores como Gilberto Freyre, que advogava pela ideologia luso tropicalista e afirmava existir no Brasil uma democracia racial. Assim, sobre ser considerada intérprete do Brasil, Marques (2023, p. 111) explica:

O que significa, portanto, considerar Carolina Maria de Jesus como uma intérprete do Brasil? Após detida consideração sobre a original dimensão estética da sua obra, o projeto intelectual da pensadora que emerge da sua escrita é robusto o suficiente para considerá-la um referencial cultural relevante na história do pensamento brasileiro, reconhecendo como linha condutora da sua lógica discursiva a crítica “sociológica” do Brasil. O país é para quem escreve suas obras, são seus alunos da “poética da fome”: “Temos que lutar para ilustrar o nosso povo. Para o país não ser desclassificado pelos escritores sociólogo” (Jesus, 2021, p. 350 Apud Marques (2023, p. 111).

Vivendo interseccionalidade de opressões sociais, Carolina tornou-se símbolo de resistência feminina negra. Enquanto figura pública, Carolina, mulher, negra, pobre e mãe solo, serviu de exemplo para tantas outras mulheres que assim como ela, precisam arcar com a própria existência e sustento dos filhos, sozinhas. Mesmo a sua recusa em se submeter ao casamento, unicamente por convenção social, foi revelador de seu posicionamento e lucidez diante dos problemas que as mulheres enfrentam por estarem em um casamento que lhes traz insegurança e risco de vida.

Finalmente, sua obra é herdeira de uma interlocução forte com o presente. Suas denúncias possuem uma atualidade, sobretudo quando se fala do caso do Brasil, que, ainda hoje, possui uma das estruturas sociais mais rígidas do mundo (Scalon, 2004). Portanto, embora seu diário tenha sido escrito há décadas, ele ainda reflete a imobilidade social da maioria dos brasileiros nesta estrutura.

Também a violência policial exercida mais rigidamente contra pessoas negras, a segregação socioespacial (Negri, 2008) nas cidades e a naturalização da pobreza são problemas que ainda incomodam o Brasil atual. Assim, depreende-se que Carolina abriu um caminho de significados e repercussões múltiplas nos campos literário, político, ético e social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender a escrita de Carolina Maria de Jesus como uma prática que ultrapassa os limites da literatura, afirmando-se como gesto político, social e humano. Quarto de despejo não é apenas o registro de uma experiência individual marcada pela fome, pela pobreza e pela exclusão, mas a tradução de uma realidade coletiva vivida por milhares de sujeitos historicamente marginalizados no Brasil.

Ao escrever sobre a favela e dentro da favela, Carolina desloca o centro da narrativa e obriga a sociedade a encarar aquilo que sempre tentou ocultar, as desigualdades sustentadas pelo racismo, pelo patriarcado e pela desigual distribuição de riqueza. De um ambiente sujo, do lixo, do excremento, daquilo que não prestava e foi descartado, juntando partes de papel, Carolina retira sentidos da miséria para sua escrita. Do meio do lixo ela recolhe e recicla transformando mais um pedaço de papel em um diário.

Gênero, raça e pobreza não aparecem de forma isolada na obra da autora, mas se entrelaçam continuamente, configurando um sistema de opressões que molda sua trajetória de vida e a produção do diário. Nesse sentido, a escrita de Carolina pode ser compreendida como uma forma de resistência à colonialidade do poder e do saber, não busca apenas ser publicada, ela busca ser ouvida. Ao escrever, ela transforma suas feridas em palavras e reivindica o direito de contar a sua própria história.

Sua palavra confronta os muros invisíveis, desafia o silêncio imposto às mulheres negras e afirma um lugar de fala que, durante muito tempo, foi negado na literatura brasileira. Além disso, a liberdade com que Carolina aborda sua condição de mãe, mulher solteira, negra e pobre revela uma postura atual. Ao recusar relações que ameçassem sua autonomia e ao defender a

leitura e a escrita como caminhos de ser livre, a autora reafirma o conhecimento como instrumento de sobrevivência e dignidade.

Por fim, conclui-se que Carolina Maria de Jesus permanece atual porque sua escrita continua dialogando com o presente. As desigualdades que ela denunciou não pertencem apenas ao passado, mas seguem estruturando a sociedade brasileira. Ler Carolina hoje é reconhecer que as vozes da margem não apenas existem, mas produzem saber, história e literatura.

Seu diário nos convoca a repensar os modos de produção do conhecimento, a ampliar os horizontes da crítica literária e, sobretudo, a escutar com responsabilidade aqueles e aquelas que, como Carolina, escreveu para não desaparecer. Sua palavra permanece como testemunho, resistência e anúncio de que a literatura também nasce onde a sociedade insiste em dizer que nada pode florescer.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Aline Alves; BARROCA, Iara Cristina da Silva; MARRECO, Maria Ivone; TOLENTINO, Livia (Org.). **Memorialismo e resistência: estudos sobre Carolina Maria de Jesus**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. 224 p.
- BERTOL, Raquel. Carolina Maria de Jesus na "nuvem de gafanhotos de escrituras": leitora e escritora além do fim do livro. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 474-494, jan./abr. 2025. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v28i1.28087>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CHIZZOTTI, Antonio. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (Org.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 103-112. CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.
- FARIAS, T. 'Quarto de despejo' mostra desejo de Carolina pela escrita. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 dez. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2025/08>. Acesso em: 5 fev. 2026.
- FURTADO, Camila Rodrigues. **Gentrificação e (re)organização urbana em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (Anpocs)**. Ciências sociais hoje. São Paulo: Anpocs, 1984. p. 223-244
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: Diário de uma Favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2017. Livro eletrônico. 192 p.

JESUS, Carolina Maria de. **Clíris**: Poemas recolhidos. Org. de Raffaella Fernandez e Ary Pimenta. Rio de Janeiro: Desalinho; Ganesha Cartonera, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Casa de alvenaria**, volume 2: Santana. São Paulo: Companhia das Letras, 2021b. Livro eletrônico. 702 p.

JESUS, V. F.; CLARO, L. A. dos S. Injustiças sociais que violam a igualdade de direitos e de oportunidades: uma análise da obra *Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada*, escrita por Carolina Maria de Jesus. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITO & LITERATURA, 10., 2022. **Anais do X CIDIL: as fronteiras em Direito & Literatura: narrativas insurgentes e inquietações contemporâneas**. [S.l.]: RDL, 2022. p. 283-305.

MARTINS, Gilberto de Andrade; PINTO, Renato Lopes. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos**. São Paulo: Atlas, 2001.

NEGRI, Silvio Moisés. **Segregação socioespacial**: alguns conceitos e análises. Rondonópolis, 2008.

PINANGÉ, Daiane de Souza Bezerra; SILVA, Daniele Maria de Oliveira Freire; SILVA, Rômulo Augusto; MENEZES, Janaina Alves. "Quarto de despejo": relato de uma vivência dialogada. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del.-Rei, v. 15, n. 2, p. 1-16, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2179-5800.2020.v15.2950>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Pólen, 2017.

ROCHA, Wilson H. da Silva. **Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus: saltando os muros da subalternidade**. Salvador: Devires, 2021.

ROSA, C. S.; SILVA, G. F. Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, p. 1-16, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260635>.

SANTOS, T. S. Corpo, mar, mensagem e garrafa – Quarto de despejo (1960) e as reações a partir da escrita. **Revista Moinhos**, Tangará da Serra, v. 14, p. 43-59, 2025.

SAVIAN, C. P.; BATISTA, N. L.; SPODE, P. L. C. Narrativa do cotidiano: pobreza e privação social no livro Quarto de despejo: diário de uma favelada. **Caminhos de Geografia**,

Uberlândia, v. 25, n. 102, p. 187-205, dez. 2024. DOI:
<https://doi.org/10.14393/RCG2510273384>.

SCALON, Celi. **Desigualdades sociais no século XXI**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Rebeca Ribeiro da; CARVALHO, Clarice da Costa. **A literatura de Carolina Maria de Jesus: arte como resistência, resistência como elemento da Questão Social**. O Social em Questão, Rio de Janeiro, v. 28, n. 62, p. 181-202, maio/ago. 2025.

SOUZA, Flávia de Castro. Do lixo ao livro: *Quarto de despejo* e *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. **Revista Água Viva**, Brasília, v. 5, n. 3, p. 1-20, set./dez. 2020. DOI: 10.26512/aguaviva.v5i3.30886.

SPAREMBERGER, Raquel Fabiana Lopes; OLIVEIRA, Fernanda Duarte Araújo. Colonialidade e feminismo subalterno em *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Anamorphosis: **Revista Internacional de Direito e Literatura**, v. 6, n. 2, p. 511-527, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.21119/anamps.62.511-527>.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da ABPN**, v. 1, n. 1, p. 8-17, jul./out. 2010.